

Ácido indolbutírico (AIB) na propagação vegetativa de pitangueira com a técnica de miniestaquia

**Marco A. Godoi¹; Moisés de A. Barbosa²; Caroline S. Freitas³; Jhonatan A. Marcante⁴;
Clevison L. Giacobbo⁵**

¹Mestrando, PPGCTA, campus Erechim, UFFS (Universidade Federal da Fronteira Sul. E-mail: macrgodoi@gmail.com.

²Mestrando bolsista CAPES/UFFS, campus Erechim, UFFS. ³Monitora Fitotecnia-Fruticultura, UFFS, campus Chapecó, UFFS. ⁴Bolsista de IT, CNPq/UFFS, campus Chapecó, UFFS. ⁵Prof. Agronomia/PPGCTA, Chapecó/Erechim, UFFS.

A pitangueira (*Eugenia uniflora* L.), pertencente à família Myrtaceae. Ela possui importância ambiental na recuperação de áreas degradadas e na manutenção da biodiversidade. Apesar de seu potencial agrônomo, a produção comercial de mudas ainda apresenta limitações devido à predominância da propagação sexuada, a qual resulta em elevada variabilidade genética e desuniformidade de pomares. Nesse contexto, a propagação vegetativa por estaquia surge como alternativa promissora para obtenção de mudas clonais padronizadas para a manutenção de características agrônomicas superiores. Dessa forma, o presente trabalho teve como objetivo avaliar concentrações de ácido indol butírico (AIB) na propagação de pitangueira por miniestaquia. O experimento foi conduzido em casa de vegetação pertencente à Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Chapecó-SC. Foram utilizadas miniestacas com 10 cm de comprimento provenientes de plantas matrizes de pitangueira, oriundas de plantio de sementes e submetidas às concentrações de 0; 1.500; 3.000 e 4.500 mg L⁻¹ de AIB, deixadas em solução por 10 segundos e após acondicionadas as miniestacas em bandeja com substrato comercial. O delineamento experimental utilizado foi de blocos inteiramente casualizados, com três repetições, sendo cada repetição constituída por oito miniestacas. Após 90 dias foram avaliadas as variáveis: porcentagem de estacas vivas, porcentagem de brotação e número de brotos. Os dados foram submetidos aos testes de normalidade e homogeneidade pelo teste de Shapiro-Wilk. Com a indicação de normalidade dos dados, utilizou-se os dados originais para à análise de variância e regressão, através do programa estatístico R. Observou-se que as concentrações de AIB influenciaram positivamente as variáveis analisadas. Para todas as variáveis utilizadas, verificou-se um comportamento linear crescente. Foi verificado para a sobrevivência das estacas, que a concentração de 4.500 mg L⁻¹ apresentou média de 23,09%. Para brotação, observou-se com 4.500 mg L⁻¹ 17,88% de estacas sobreviventes. Em relação ao número de brotos, a concentração de 4.500 mg L⁻¹ destacou-se com média 2,6 brotos por estacas. Os resultados demonstraram que o uso de AIB favorece a manutenção da viabilidade e o desenvolvimento vegetativo das estacas de pitangueira, indicando potencial para otimização da propagação clonal da espécie. No entanto, deverá ser testado concentrações de AIB, ainda superiores às utilizadas neste trabalho.

Palavras-chave: Fruteira Nativa, Propagação de plantas, *Eugenia uniflora*. SISGEN - A3CE719